

Vila Pavão: a pomitafro nos símbolos municipais

Vila Pavão: pomitafro in the municipal symbols

37

Marcos Teixeira De Souza¹

Resumo

O município de Vila Pavão, situado no noroeste capixaba e emancipado politicamente em 1990 de Nova Venécia, singulariza-se por criar em 1989 e manter uma festa denominada Pomitafro, nome oriundo do neologismo das iniciais das ditas três etnias “locais” *Pomeranos, Italianos e afrodescendentes*. Em consonância com a noção de comunidade política imaginada, de Benedict Anderson, e tradição inventada, de Eric Hosbawm e Terence Ranger, o objetivo deste artigo é discutir os símbolos municipais (brasão, hino e bandeira) da cidade Vila Pavão, os quais fazem referência, em maior ou menor grau, a essas ditas três etnias, como ícone de uma cidade que se orgulha de sua diversidade étnica e que combate o preconceito racial.

Palavras-chave: Vila Pavão; símbolos municipais; Pomitafro; comunidade política imaginada.

Abstract

Vila Pavão, located in northwest Espírito Santo and politically emancipated in 1990 from Nova Venécia, stands out for creating in 1989 and maintaining a party called Pomitafro, a name derived from the neologism of the initials of the three words Pomeranians, Italians and afrodescendants. In line with the notion of imagined political community, by Benedict Anderson, and invented tradition, by Eric Hosbawm e Terence Ranger, the goal of this article is to discuss the municipal symbols (coat of arms, anthem and flag) of the city of Vila Pavão, which refer, to a greater or lesser extent, to these so-called three ethnicities, as an icon of a city that prides itself on its ethnic diversity and that fights racial prejudice.

Keywords: Vila Pavão; municipal symbols; Pomitafro; imagined political community.

¹ Doutor em Sociologia – IUPERJ. Coorganizador das obras Afro-Brasil I e II.

1. INTRODUÇÃO

Comungar lembranças, sentimentos, narrativas, símbolos costuma ser a tradução de uma comunidade política imaginada. Mas, além construir narrativas, símbolos, etc., é preciso que eles tenham ou obtenham certa legitimidade entre os membros de uma comunidade. E uma das formas usuais de conferir legitimidade e de agregar membros de uma sociedade em torno de uma nação, Estado, município ou quaisquer outras entidades político-administrativas se dá geralmente na atitude de demonstrar um passado glorioso e vitorioso, e evocar sentimentos de filiação e continuidade daquele passado, reunindo assim os membros de um grupo em torno desta história que contém heróis, fatos dantescos, cenas de embate, muitas vezes, pinceladas com atos de morte pela pátria, pela nação, por um povo, do qual aquele território abriga seus descendentes ou adotados afetivamente.

Em Vila Pavão, as noções de “etnia” ou “raça”² e preconceito são acionadas nas narrativas para prenunciar a importância da Pomitafro, festa nascida em uma escola local, e posteriormente transformada em festa municipal, bem como para dizer que Vila Pavão foi uma cidade que se emancipou politicamente, superando os casos de preconceito racial entre seus moradores.

Obviamente preconceitos de cunho étnico-racial não estão circunscritos à Vila Pavão, mas nela ganha um relevo importante para acentuar a identidade local pavoense, calcada na suposta integração das etnias locais. Por isso, as narrativas de superação de racismo e etnocentrismo em Vila Pavão, como veremos a seguir, assumem importância neste processo de uma construção de uma identidade local.

Em *A invenção de tradições* (1997), Eric Hobsbawm e Terence Ranger expõem como um estado-nação se utiliza da tradição (ou da invenção de tradições) para construir e impor valores e comportamentos em uma sociedade. Esclarecem que a reiteração de

² Termo que aparece em alguns dos primeiros cartazes da Pomitafro.

hinos, símbolos, ícones, imagens, etc. vão sedimentando uma noção de tradição, como se tais elementos fossem muito antigos e representativos entre os membros de uma sociedade, quando na verdade não passaria, às vezes, de poucos anos de existência. Para Hobsbawm (1997):

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, porém definido e que inclui tanto as tradições realmente inventadas quanto aquelas que surgiram de maneira mais difícil de localizar e em um período limitado e determinado de tempo. Muitas vezes práticas de poucos anos se estabelecem com grande rapidez. (HOBSBAWM, 1997, p. 09)

A origem de uma tradição (ou tradição inventada), embora tenha sua relevância para Hobsbawm (1997), parece ser secundário quando discorre sobre um dos motivos para que historiadores e pesquisadores estudem a invenção das tradições:

Em segundo lugar, o estudo dessas tradições esclarece bastante as relações humanas com o passado, e, por conseguinte, o próprio assunto e ofício do historiador. Isso porque toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal (HOBSBAWM, 1997, p. 21).

Hobsbawm (1997) reconhece, portanto, a tradição inventada como um mecanismo muito importante na constituição de um sentimento de pertença entre indivíduos pertencentes a um dado território.

2. UM BRASÃO “POMITAFRIANO”

Segundo Jorge Kuster Jacob, a Prefeitura formou, em 1993, uma comissão local para eleger o brasão, promovendo assim um símbolo de uma identidade local para Vila Pavão, dissociada de Nova Venécia. Segundo informações no artigo *Brasão de Vila Pavão*, do Jornal *A Voz do Norte*, houve um processo seletivo para eleger o brasão da cidade:

Em julho de 1993, o prefeito municipal nomeou uma comissão para formalizar um concurso para escolher o brasão de Vila Pavão. Esta comissão foi formada por Jorge Kuster Jacob, Secretário Municipal de Educação e Cultura; Lucinete Buge Zucatelli, professora; Karin Hilde Dieter, diretora do Centro de Integração de Educação Rural; Nélia Buge Rossim, diretora da Escola de 1º e 2º graus Córrego Grande; Valdecir Berger, representante da Prefeitura

Municipal e o vereador Antônio Teixeira Maria. (Jornal A Voz do Norte, sem data de identificação)

Observando este fragmento acima, os nomes que estão nesta comissão de escolha do brasão são, em sua maioria, se não todos, ligados à criação ou organização da Pomitafro. Ainda sobre este processo seletivo, diz a matéria:

No dia 24 de dezembro de 1993, comemorava-se mais um nascimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Mas foi também neste mesmo dia que a comissão se reunia para escolher qual seria o desenho mais significativo que pudesse ser um símbolo de nosso município. Apresentaram trabalhos para concorrer os senhores David, Neli Peters, Lucinéia de Souza, Faustina Ferreira Leal e Agatha Wutke da Costa. Tivemos participante de fora do município mas por critérios antes estabelecidos foram desclassificados. O vencedor foi Juarez Pereira Barbosa, em segundo lugar ficou Neli Peters; terceiro, Fabrício Delevedove; quarto, Jander Rosa; e em quinto lugar, Lucinéia de Souza. Os prêmios foram entregues à noite, na ocasião da terceira vinda do Papai Noel. (Jornal A Voz do Norte, sem data de identificação)

O projeto vencedor para o brasão contém elementos que caracterizam uma cidade sob uma influência pomerana, embora haja uma interpretação de Jorge Kuster Jacob que concilie ou tente conciliar uma presença “pomitafriana” no brasão. Eis o brasão vencedor:

Brasão de Vila Pavão



Fonte: CityBrazil³

41

Para Jorge Kuster Jacob, tem-se um brasão que espelha ou tenta espelhar a diversidade de seu povo e de sua dita cultura plural, sem sutilmente negar sua identidade local “pomerana”. Assim expressa Jorge Kuster Jacob, finalizando seu artigo publicado no *Jornal A Voz do Norte*, extinto periódico de Nova Venécia, ao descrever o desenho escolhido pela comissão – do qual fez parte – para escolher o brasão municipal:

O brasão pavoense é um dos mais expressivos e bonitos do estado. Juarez conseguiu colocar dentro de um sol o mapa de Vila Pavão e suas montanhas. Além da torre da “Igrejona” [luterana], que é um cartão-postal do município. Temos também um casal que representa as nossas manifestações culturais tão bem feitas na POMITAFRO. Em cima, temos a cabeça e as asas da águia que tem a sua origem pomerana e significa vigilância. Um ramo de café, principal cultura e sustentáculo econômico do município e do outro lado um ramo de diversificação agrícola que caracteriza a produção de nossos pequenos agricultores, maioria absoluta do município. Na faixa abaixo, primeiro de julho de 1990, data do plebiscito, onde o povo foi dizer sim à emancipação, é dia que por essa participação popular, já foi decretada como “dia da cidade”, pelo primeiro prefeito de Vila Pavão. (*Jornal A Voz do Norte*, sem identificação da data)

Partindo do que diz Jorge Kuster Jacob acima, o brasão de Vila Pavão é uma miscelânea de elementos que reuniram características marcantes de Vila Pavão. A título de exemplo desta comunidade política imaginada em torno de uma tríade étnica, pode-se citar que o brasão feito por Juarez Pereira Barbosa, não indica explicitamente a relevância ou significado da Pomitafro na mentalidade da época em Vila Pavão.

De acordo com Jorge Kuster no seu artigo, o brasão eleito apresenta uma série de elementos que perfilariam Vila Pavão. Um deles é o café que, além da diversidade agrícola presente na chamada agricultura local, segundo as narrativas nativas, é um dos principais motivos do processo de ocupação do solo de Vila Pavão pelas ditas três etnias.

³ http://www.citybrazil.com.br/es/vilapavao/geral_detalhe.php?cat=10 . Acesso em 13 de Março de 2016.

Jorge Kuster Jacob enfatiza no brasão uma suposta marca identitária local, pautada em um relacionamento interétnico harmonioso, apresentado no casal, segurando a bandeira que, segundo Jorge Kuster, em seu artigo no jornal *A Voz do Norte: Temos também um casal que representa as nossas manifestações culturais tão bem feitas na POMITAFRO*. Como se nota, tal festa, para o criador do brasão, embora isso não esteja explícito, ou para Jorge Kuster, autor da frase supracitada, o brasão tem um de seus elementos presentes como inspiração a festa Pomitafro.

É preciso salientar que no brasão, embora possa segundo haver uma representatividade da Pomitafro, ilustrada no casal que, segundo autor do artigo no Jornal *A Voz do Norte*, extinto periódico de Nova Venécia, e de acordo com falas militantes locais, a figura da Igreja⁴ e da águia⁵, ambos remetendo aos descendentes pomeranos, sobressai ou parece sobressair, juntamente com a figura das montanhas, muito comuns na região. Observando os elementos do brasão, não estão presentes ou explicitados algo que retome à imagem (essencializada ou não) de ser afro ou italiano. Trata-se então de um brasão mais pendente para realçar a presença “pomerana”, em detrimento da “italiana” e da “afro”.

3. UMA BANDEIRA COM MARCAS POMERANAS

Por outro lado, a bandeira e o hino explicitariam melhor a suposta imagem de três etnias, aproximando-se da proposta da festa Pomitafro, sobre a qual é, creio, construída inicialmente uma comunidade política imaginada de Vila Pavão, como uma cidade que se diz orgulhar de sua diversidade e do seu ideário de integrar “as supostas etnias colonizadoras” dentro de um projeto único para o desenvolvimento do município. Este sentimento de pertença, alicerçado na Pomitafro ou nos conteúdos produzidos por ela ou nela são visíveis também no hino municipal de Vila Pavão.

⁴ Imponente templo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil/IECLB em Vila Pavão.

⁵ É um dos símbolos da Pomerânia.

De acordo ainda com o que diz Jorge Kuster Jacob em seu artigo *O Brasão de Vila Pavão* (sem data), a bandeira do município fora idealizada, no objetivo de prestigiar também a tríade étnica: as cores azul e branco (os pomeranos), o verde (os italianos) e o vermelho (os africanos). Eis a bandeira:

Bandeira de Vila Pavão



Fonte: CityBrazil⁶

Sobre os elementos presentes na bandeira de Vila Pavão, em blog sem identificação de autoria, há a seguinte menção sobre os significados da bandeira de Vila Pavão, que aliás coincide, em linhas gerais, com as falas locais. Eis o que consta no blog⁷, cuja autoria acredito ser de Jorge Kuster Jacob:

Significados da bandeira de Vila Pavão

Rochas – São inúmeras as formações rochosas ao longo do território do município de Vila Pavão. As elevações destas pedras proporcionam um majestoso visual aqueles que visitam o município. As principais pedras são as

⁶ http://www.citybrazil.com.br/es/vilapavao/geral_detalhe.php?cat=9

⁷ <http://www.flogao.com.br/vilapavao/blog/692051>. Acesso em 06 de Janeiro de 2016.

chamada Pedra da Rapadura, Pedras Tri-gêmeas. Mas a “Pedra da Torre de Televisão” é a que está representada na Bandeira.

Igrejona – Um dos principais pontos turísticos de Vila Pavão é o templo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil/IECLB em Vila Pavão. A “Igrejona” é a maior do Espírito Santo e a maior torre luterana da América Latina. Foi o primeiro cartão postal da cidade, ainda na época de distrito Como no brasão, quer traduzir o sentimento religioso daqueles que residem no Município.

Faixa – A faixa com os dizeres: Vila Pavão – ES, tem o objetivo de identificar o Município dentro do Estado. Mesmo aqueles que desconhecem a Bandeira do Município poderão identificá-la como sendo a de Vila Pavão. A faixa também nos dá a idéia de vencedor.

O azul – Uma das tomadas da Bandeira. A cor azul destaca-se na Bandeira, pois caracteriza a cor pomerana. A etnia pomerana é predominante no Município e por essa razão o autor quis homenagear esses descendentes. O Azul lembra o Mar Báltico do litoral da Antiga Pomerânia.

O Branco - Uma das cores predominantes na Bandeira, o Branco, também lembra a Antiga Pomerânia. O branco faz parte da história e da cultura do povo de descendência pomerana. Lembra as areias brancas das praias do Mar Báltico do Litoral pomerano.

As três cores – A população do Município de Vila Pavão é formada basicamente pelas etnias pomerana, italiana e africana. Para não sobrepor a Bandeira com muitas cores o autor idealizou no centro da Bandeira um pendão sustentado por duas hastes com as cores que representam as etnias que colonizaram o município. As cores representam:

VERDE: Italiano.

VERMELHO: Africano.

AZUL: Pomerano.

Pavão: A origem do nome do Município de Vila Pavão está ligada a uma casa que ficava na encruzilhada, hoje sede da cidade e que tinha um Pavão desenhado na parede da varanda. Os tropeiros identificavam o local como “a casa do pavão” no início da colonização e assim, com o passar do tempo, a localidade ficou conhecida como Vila Pavão que era a sede do Distrito de Córrego Grande.

Mapa - O desenho representa o território do Município de Vila Pavão. Através de sua emancipação, Lei n.º 4.517 publicada no Diário Oficial n.º 17.949 de 16 de janeiro de 1991, o Município adquiriu autonomia administrativa sobre o seu território. Na área territorial o Município exerce a sua soberania, residindo aqueles descendentes que colonizaram o Município.

Sol – A explicação é a mesma do Brasão. Significa um novo dia, um novo momento. Claridade e calor são vida. Transparência. Está colocado como se estivesse aquecendo e iluminado o nosso território.

Convém ressaltar que embora a bandeira supostamente traga cores relacionadas à “italiana” e “africana”⁸, prevalece na composição da bandeira o azul e o branco, muitos característicos da dita cultura pomerana, uma explícita remissão ao Mar báltico que vimos, por exemplo, em Santa Maria de Jetibá, Itarana, etc. Na bandeira, figura o desenho de um pavão que carrega em seu tronco (ou, por extensão, seu peito) a icnografia do território de Vila Pavão, as montanhas, e a igrejon. E o pavão carrega consigo cores que fariam ou fazem referência à Itália e à África, além da extinta Pomerânia. A menção de um pavão multicolor, ou melhor, um pavão “pomitafriano” tende a encenar a presença das ditas três etnias locais reunidas em um mesmo território.

4. O HINO DE VILA PAVÃO: AS “TRÊS ETNIAS” EM MOVIMENTO

O hino de um município, de um estado ou de uma nação, constitui-se um entre vários exemplos significativos da construção de sentidos de pertencimento e, não menos, de uma possível tradição inventada por parte de um grupo social. Salienta Anderson (2008):

Existe um tipo específico de comunidade contemporânea que apenas a língua é capaz de sugerir. Tomemos o exemplo dos hinos nacionais. Por mais banal que seja a letra e medíocre a melodia, há nesse canto uma experiência de simultaneidade. Precisamente neste momento, pessoas totalmente desconhecidas entre si pronunciam os mesmos versos seguindo a mesma música. A imagem: o uníssono. Cantar a Marselhesa, a Waltzing Matilda e a Indonésia Raya oferecem a oportunidade do uníssono, da realização física em eco da comunidade imaginada. (ANDERSON, 2008, p. 203)

Neste sentido, observar quais elementos e conteúdos se encontram presentes no hino de Vila Pavão tende a ajudar na compreensão da natureza e da importância da Pomitafro e de seus desdobramentos na própria cidade. Eis abaixo o Hino Municipal de Vila Pavão:

⁸ Trata-se de uma visão essencialista reduzir todo um conjunto de mais de cinquenta países africanos a uma cor.

Pomeranos, Italianos, Africanos
Com coragem desbravaram este chão.
Com suas tropas vieram rumo ao norte
Para em fim chegar a Vila Pavão
Enfrentando na viagem chuva e sol
A essa terra querida chegaram
O verde do lugar se destacava
Aqui muitas matas avistavam
Céu azul brilhante e limpo
Nuvem sem poluição.
Muro natural de rochas
Nossa agricultura é forte
Nosso solo é muito bom.
Se abençoa Deus com chuva
Brota toda plantação,
Brota toda plantação.

Refrão

Hoje, Hoje você que habita este chão.
Tenha muito orgulho e o defenda
{ com paixão!
Pois Deus não deixa de abençoar.
Vamos, pois, felizes cantar!
Pavoense sim, de coração!(bis)
De sol a sol fazendo a história
O povo luta, quer melhora
Míl novecentos e noventa plebiscito
Quem lutou, sabe disso
Resultado esperado da união
O “sim” ganha, muita emoção.
Assim inicia nova história,
Após a emancipação

Letra: Vilma Berger Schraiber

Música: Micaela Berger

Na última estrofe do hino, é possível ver que esta ideia de integração, no processo de luta por emancipação política, está representada implicitamente na palavra “povo”, que no primeiro verso está diluída nas palavras *Pomeranos, Italianos, Africanos*. Este hino, que perfila a tríade étnica (pomeranos, italianos e africanos) como construtora de Vila Pavão, teve como autoras da letra e melodia respectivamente Vilma Berger Schraiber e Micaela Berger. A primeira é uma descendente pomerana pavoense, e atualmente uma das pedagogas do Centro Estadual Integrado de Educação/CEIER. A segunda é uma

alemã musicista casada com um pastor luterano, que atuara em uma das igrejas luteranas de Vila Pavão.

O hino de Vila Pavão, como se vê, é obrado por pessoas ligadas à cultura germânica/pomerana, semelhantemente a muito dos símbolos, falas e ações que tentam identificar Vila Pavão.

Transmite que as chamadas três etnias caminham em um plano de igualdade para Vila Pavão. Para a Sociologia, estes indícios (de tradição inventada) colaboram para entender como uma sociedade se formou e mantém sua relação com o passado, pois este é ou tende a ser crucial na construção identitária de uma sociedade.

Neste aspecto, o passado constitui um objeto de pesquisa relevante para as ciências sociais e humanas, porque envolve classificar, hierarquizar o que é mais importante, o que deve lembrado e o que deve ser esquecido pelas gerações vindouras que comporiam determinada sociedade.

Anderson (2008), em sua análise sobre o nacionalismo ou os nacionalismos no Sudeste Asiático, diz também que a comunidade política imaginada se forma em torno não só ódio, mas do amor ou sentimentos que inspiram amor:

Numa época em que é tão comum que intelectuais cosmopolitas e progressistas insistam no caráter quase patológico do nacionalismo, nas suas raízes enclavadas no medo e no ódio do outro e nas afinidades com o racismo, cabe lembrar que as nações inspiram amor, e em um amor de profundo autosacrifícios. (ANDERSON, 2008, p. 199)

Quando se observa a estrofe do hino de Vila Pavão, esta característica comum à formação de uma comunidade política imaginada, nos termos de Anderson (2008), se apresenta. Diz a estrofe do hino de Vila Pavão:

Hoje, Hoje você que habita este chão.
Tenha muito orgulho e o defenda com paixão!
Pois Deus não deixa de abençoar.
Vamos, pois, felizes cantar!
Pavoense sim, de coração! (bis)

As expressões “com paixão”, “de coração” sintetizam bem esta observação de Anderson (2008) para a construção de uma comunidade política imaginada para Vila Pavão em torno de sentimentos de amor. A própria Pomitafro, como uma expressão cultural da cidade, se nutre de um ideário de amor/respeito às diferenças entre as ditas três etnias locais.

O hino de uma cidade, estado ou país tende a criar uma atmosfera de heroicidade, de conquista e de expressões positivas em torno do povo ocupante do território. Um hino enseja um ambiente de tradição, ou de resgate de um suposto passado glorioso como representativo daquele povo.

Os versos do hino de Vila Pavão, como é comum nos hinos em geral, criam um cenário de luta. No caso dos pavoenses, a luta foi pela conquista do território por meio do pleito de emancipação política. Diferentemente do que ocorreu na prática, em que vereadores e deputados de Nova Venécia e de outras localidades colaboraram para derrubar os empecilhos burocráticos e legais para a realização do plebiscito decisivo para a emancipação ou não do distrito, no hino municipal, contudo, o povo (“condensado” nas ditas três etnias) é colocado como protagonista da conquista, de modo se que cria ou tenta criar uma tradição em torno da força das três etnias, que representa o pavoense.

Perfilando como tradição, o que é característico dos hinos de nações, estados, municípios, os primeiros versos do hino de Vila Pavão expressam claramente os grupos construtores de Vila Pavão, postos metaforicamente em uma viagem rumo às terras pavoenses, como se fossem “tropas”. O término desta viagem seria Vila Pavão, onde, como diz a letra, *com coragem desbravaram este chão*. A linguagem dos hinos nacionalistas e – por extensão – dos estaduais e dos municipais costumam geralmente promover uma imagem de epopeia, de luta, que consagra o povo conquistador de dado território:

Pomeranos, Italianos, Africanos
Com coração desbravaram este chão.
Com suas tropas vieram rumo ao norte
Para em fim chegar à Vila Pavão. (HINO DE VILA PAVÃO)

A menção da “tríade étnica” no hino, postas em um suposto plano de igualdade no discurso, concebe a cena de um caminho comum trilhado até a formação de Vila Pavão. O hino não explicita o ponto de partida destas ‘etnias’, se vieram ou não do mesmo lugar ou de que lugar, mas enfatizam uma trajetória comum: primeiro chegaram ao norte, e depois à Vila Pavão.

Em geral, o hino apresenta ou tenta construir uma imagem de chegada dos imigrantes pomeranos, italianos e africanos escravizados. Mas, a bem da verdade, os que chegaram à Vila Pavão eram, em geral, netos ou bisnetos de imigrantes ou netos de africanos escravizados ou ex-escravizados, e eram provenientes das serras capixabas e de outras partes do Espírito Santo, nascidos naquela terra, que poderiam inclusive, caso quisessem, denominarem-se *capixabas*, e de pessoas vindas também outras partes do Brasil.

Entretanto, Vila Pavão se apresenta com sua “tríade étnica” por meio de seus símbolos municipais, sendo recorrente a fala que a formação da região se deu em torno das três etnias. Na década de 40, Córrego Grande (atual Vila Pavão, à época, distrito de Nova Venécia), tornou-se, um dos destinos preferenciais, do norte capixaba, para os moradores outras partes do Estado, bem como para mineiros da região divisa com o Espírito Santo; e para moradores do sul da Bahia.

Segundo diz Salvador (2003), as propagandas de viajantes e tropeiros nas terras férteis, ou seja, no sul do estado, dão-se por volta dos inícios dos anos 40. Os descendentes de pomeranos, que estavam em busca de novas terras, veem no norte capixaba uma região promissora. Cabe lembrar também que muitos descendentes pomeranos optaram por ficar na região serrana capixaba.

Ainda segundo Salvador (2003), a construção de uma nova estrada colaborou para povoar o então distrito de Córrego Grande: “*A primeira estrada aberta de Vila Pavão a Nova Venécia foi em 1940. A família Reblim pegou a obra da então prefeitura de São Mateus e, em forma de mutirão, concluiu a obra.*” (SALVADOR, 2003, p. 20). Partindo

desta informação, que coincide com as de moradores antigos, podemos dizer que Vila Pavão, como região ocupada pela “tríade étnica” tem menos de cem anos.

Embora conte a história local que Vila Pavão era praticamente despovoada nos anos 1930, e começara a receber sua “tríade étnica” a partir dos anos 1940, é preciso fortemente problematizar a ideia de que tal lugar era “despovoado”. Em se tratando do processo de povoamento de Vila Pavão, escreve Jorge Kuster Jacob (2011):

Até a década de 1920, a região que hoje corresponde ao município de Vila Pavão era habitada por povos indígenas da família de botocudos. O município de Vila Pavão foi colonizado na década de 1920 por algumas famílias brasileiras que fugiam da seca no sertão baiano e interior de Minas Gerais. Em seguida, grandes madeireiros ocuparam a região para explorar peroba, jequitibá, entre outras essências florestais da Mata Atlântica. Na década de 1940, chegaram os primeiros imigrantes pomeranos, entre estes, Franz Ramlow, que articulou a vinda de grandes levas de pomeranos para a sede do município... (JACOB, 2011, p. 43)

Partindo desta observação, Vila Pavão era possivelmente terra habitada por pessoas vindas da Bahia, de Minas Gerais, e indígenas e, ao que aparece, desta foram expulsos, para ser posteriormente loteada, atraindo diversos moradores da região divisa com Minas Gerais e do sul da Bahia, e de outras partes do próprio estado do Espírito Santo, entre os quais majoritariamente muitos descendentes de pomeranos para ali vieram, possivelmente pelo pionerismo de um descendente de pomeranos, o senhor Franz Ramlow.

Partindo desta observação de Jacob (2011), deu-se primeiro a chegada de naturais ou retirantes de Minas Gerais e da Bahia à Vila Pavão, embora estes não figurem na tríade formadora nos emblemas municipais, nem os indígenas, a menos que fossem diluídos em uma das três categorias (pomerano, africano e italiano), o que não parece ter sido o caso em concreto. Neste aspecto, é oportuno lembrar o que Dadalto (2007) fala sobre o processo de ocupação do solo capixaba, bem como, no seu entendimento, sobre as historiografias, quando diz que vários grupos migrantes, europeus ou não, constituíram esse estado da federação:

No Espírito Santo essa gama de migrantes passou por dificuldades diversas. Ressalva-se, porém, que a maioria dos registros e relatos biográficos publicados descreve sobre os imigrantes europeus enfrentando a mata densa para vencer e ter seu pedaço de terra. Mas pouco se conhece acerca dos sofrimentos e das conquistas dos mineiros, dos fluminenses e dos nordestinos que também largaram seus familiares em outras terras em busca de um pedaço de chão para construir seu futuro. Já a vida dos negros libertos é um capítulo à parte na história, tanto pela forma como vieram como pelo estigma depreguçosos com que foram rotulados quanto pela inexistência de uma política afirmativa para seu desenvolvimento socioeconômico. (DADALTO, 2007, p. 58)

Esta observação de Dadalto (2007) é relevante para problematizar como determinados atores sociais são postos em relevo ou não nas memórias, histórias e narrativas. Por outro lado, de acordo com os estudos de Rogério Piva⁹, conhecido historiador da região do norte capixaba, na microrregião de Nova Venécia havia indígenas. A historiografia capixaba fala inclusive que na região, conforme também menciona José Teixeira de Oliveira (2008), houve, em 1557, a Batalha do Cricaré, travada entre indígenas e portugueses.

Entretanto, a história de Vila Pavão oculta ou ignora a participação de indígenas. No processo de povoamento, havia pardos, baianos (sejam brancos, sejam negros), mineiros de cidades vizinhas ou próximas à divisa com o Espírito Santo, descendentes de holandeses, e me parece que sobre todos estes grupos recaem o esquecimento, em detrimento da presença de apenas “três etnias locais”.

No tocante aos ditos descendentes holandeses, esquecidos na história identitária pavoense, em algumas poucas localidades da serra capixaba havia (e há ainda) uma pequena parcela deste grupo descendente. Na obra de Roos & Eshuis (2008), os pavoenses descendentes de holandeses há a menção:

Descendentes das famílias Lauret, Lauwers e Smoor¹⁰ são encontradas por

⁹ <http://projetopipnuk.blogspot.com.br/2012/10/a-imigracao-italiana-e-o-nucleo.html>. Acesso em 20 de janeiro de 2015.

¹⁰ Roos & Eshuis (2008) atribuem estes sobrenomes, entre outras, a uma ascendência holandesa.

quase toda parte. Em Vila Pavão, no norte do Espírito Santo, Ivan Lauer é prefeito. Seu avô veio da ‘terra fria’ para o norte porque não havia terra suficiente e o café não crescia bem. Eliza Lauwers (77) também mora em Vila Pavão. Ela fica muito contente e emocionada de poder falar holandês novamente: “Meu pai é Josias Lauwers e minha mãe é Petronella Boone. Eles tinham nove filhos. Antigamente nós falávamos holandês em casa. Era sempre muito agradável morar com famílias holandesas na mesma região e nos encontramos com frequência para conversar. Pena que meus netos não aprendem mais o holandês. Nossos antepassados tinham muita coragem. Eles nunca mais tiveram contato com famílias em Zeeland.” (ROOS & ESHUIS, 2008, p. 88)

O fato de um morador de Vila Pavão ter uma ascendência pomerana e holandesa não foi, nem parece ser ainda hoje um fato isolado na história pavoense, como é o caso do ex-prefeito. Outras famílias tiveram casos semelhantes. Nas chamadas terras frias capixabas (Santa Maria de Jetibá, Domingos Martins e Santa Leopoldina), houve diversos casamentos entre pomeranos e holandeses. Por morarem na mesma região, por terem histórias de vidas atreladas à imigração, à vida em colônia, o casamento entre descendentes pomeranos e holandeses ocorrera com certa frequência. E estes casamentos entre descendentes holandeses e pomeranos ocorrem até hoje.

É oportuno ressaltar no fragmento acima do livro de Roos e Eshuis (2008) a presença da língua holandesa em Vila Pavão, a despeito de ser um município onde há falantes da Língua Pomerana. A senhora Elisa Lauwers menciona que, nos seus tempos de infância e adolescência, a família dela falava holandês em casa. De pai e mãe holandeses ou destes descendentes, os pais de Elisa ensinaram o holandês para sua filha, porém, quanto aos filhos de Elisa não se deu a mesma situação. Sobre os netos, Elisa senhora lamentara que os mesmos não falem mais a língua dos pais dela. Na ocasião da visita do casal holandês à Vila Pavão, esta senhora tinha 77 anos, sendo compreensível que a família dela só falasse em Holandês em casa na adolescência, época em que havia certas desconfianças em relação aos grupos germânicos. Falar holandês ou pomerano era sinônimo de estar ligado à Hitler.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição dos símbolos municipais em 1993 perfila assim um molde identitário para a cidade de Vila Pavão. Embora se observe uma presença forte nos símbolos municipais de elementos representativos dos descendentes pomeranos (a igreja, o azul mais destacado em relação a outras cores, a águia, etc.), não se pode esquecer que Vila Pavão, até hoje, tem maioria¹¹ de sua população descendente de pomeranos, à época, porém, o recém-município fora engendrado em uma concepção de pensar em três etnias, sobretudo evocado no primeiro verso do hino municipal, não desconsiderando também uma presença “pomerana”.

Toda esta tentativa de dar uma identidade ao município, por parte da prefeitura e dos recém-agentes públicos locais, salienta um mecanismo político-identitário muito presente na construção de narrativas quanto a dar suporte a uma imagem de força, de coragem, de empenho, de vitória em meio a lutas, adversidades locais, que, no caso de Vila Pavão, significou uma luta pela emancipação política local, orbitada em lideranças formadas em movimento local chamado de Emancipavão, ilustrando bem a noção de uma tradição inventada, conforme expressa Hobsbawm (1997), e de comunidade política imaginada, de Benedict Anderson (2008).

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

DADALTO, Maria Cristina. Os rastros da identidade da diversidade capixaba. *Revista Sinais*, v. 1, n° 1, p. 57-72, 2007.

¹¹ Não há dados demográficos relativos ao percentual de descendentes de Pomeranos em Vila Pavão, mas é muito comum se ver muitos moradores com sobrenomes que são remetidos a eles.

SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v.1, n.11, junho.2022

DAEMON, Basílio Carvalho. *Província do Espírito Santo: sua descoberta, história chronológica, synopsis e estaística*. Vitória: Typ. do Espírito-Santense, 1879.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, Fronteira, Híbridos: Palavras-chave da antropologia transnacional. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, Vol. 3, Nº1, 1997.

HOBBSAWM, Eric. Etnia e Nacionalismo na Europa de Hoje. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um Mapa da Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

_____. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

JACOB, Jorcy Foesrte. *A Pomerânia brasileira: uma eterna migração*. Vila Pavão: Banco do Nordeste/ Funarte, 2010.

JACOB, Jorge Kuster. *Cidades irmãs pomeranas Vila Pavão (ES) e Espigão Oeste (RO)*. Nova Venécia: Gráfica e Editora Cricaré, 2011.

OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do Estado do Espírito Santo*. 3ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretária de Estado da Cultura, 2008.

SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v.1, n.11, junho.2022

ROOS, Ton, ESHUIS, Margje. Os capixabas holandeses: uma história holandesa no Brasil. Trad. Ruth Stefanie Berger. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008